



PORTUGUESE B – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Wednesday 8 November 2000 (afternoon)
Mercredi 8 novembre 2000 (après-midi)
Miércoles 8 de noviembre del 2000 (tarde)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1 (Text handling).
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir ce livret avant d’y être autorisé.
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l’épreuve 1 (Lecture interactive).
- Répondre à toutes les questions dans le livret de questions et réponses.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos requeridos para la Prueba 1 (Manejo y comprensión de textos).
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

LABIRINTO DE TECLAS

Walcir Carrasco

Cai a energia eléctrica. Quando volta, descubro que o relógio do meu som está piscando, perdido em um eterno meio-dia. Abro o manual de instruções, em espanhol, inglês, francês, italiano e japonês. Aperto as teclas indicadas. O relógio continua piscando, mas surge um sinal vermelho na tela. Horrorizo-me. Minha experiência com o vídeo diz que, quando surge algum sinal desconhecido, é melhor chorar. Atiro-me a todas as teclas do aparelho. Entra uma rádio FM. Subitamente, o relógio pula para as 9 da noite. São 8. Aceito o destino. Se a energia não cair novamente até o horário de verão, tudo dará certo.

Diante de certos aparelhos modernos, sinto-me como um Pithecanthropus pré-erectus. **Todos** possuem mil funções. A maior parte do tempo, consigo apenas **uma**. A mais óbvia, é claro. Outro dia, uma amiga procurou salvação, justo comigo! Apareceu com um pacote de manuais e vários saquinhos plásticos contendo pazinhas do mais diversos formatos.

- Quero que você me ajude a descobrir como usar as pazinhas.

Peguei na **primeira**. Era parecida com a do meu mixer, a única que conhecia.

- Esta é para bater massas - expliquei sabiamente.

Resolvemos fazer a experiência. Corremos para o livro de receitas, escolhemos um pão-de-ló sofisticado. (Por que facilitar, afinal?). Botamos os ovos, a farinha, o açúcar e o leite. Aí encaixamos a pazinha. Fechamos o mixer e apertamos o botão indicado.

Silêncio absoluto. Apertamos de novo. Mais silêncio.

- A tampa está mal encaixada. Se não estiver no lugar certo, não funciona - deduzi.

Torcemos a tampa de todas as maneiras. A cada torcida, revirávamos juntos a cintura, os braços e a cabeça. Meu queixo encaixou na costela. Ao me refazer, apertei a toda. Zummmmmmm!

- Tem uma fumacinha saindo da massa! - gritou a jovem. Tirei o fio da tomada. Abri o mixer. O cano da pazinha estava pegando fogo. A razão: mau encaixe. A farinha, as gemas, açúcar... enfim, uma tragédia. Nosso erro: a pazinha devia ter sido colocada antes dos ingredientes. O esforço para girar quase detonara o aparelho. Foi preciso tirar a farinha, gemas, etc., com todo o cuidado, reencaixar a pazinha, botar tudo de novo e... zummmmmmm! Mais tarde, para abrir o bolo foi preciso um martelo.

Das outras pazinhas, desistimos . . .

TEXTO B**A CLONAGEM DO DODÔ**

Os avanços na área da genética estão permitindo um maior conhecimento do DNA e a sua manipulação. À exceção das algas azuis e das bactérias, os demais seres vivos têm o seu DNA dentro do núcleo de suas células. Quando os cientistas querem clonar um organismo, eles usam um núcleo de uma das células desse organismo e o implantam num óvulo da mesma espécie, cujo núcleo foi previamente retirado.

A VEZ DO PÁSSARO DESAJETADO

Os dodôs não voavam e eram muito dóceis. Inúmeros deles foram mortos a golpes de porrete ao se aproximarem dos homens. Os dodôs não eram saborosos. Foram extintos devido à destruição das florestas onde obtinham alimentos e também por causa dos animais trazidos pelos marinheiros europeus, que comiam os ovos dessas aves.

Será possível clonar uma espécie desaparecida recentemente, como o pássaro dodô? Essa pergunta anima apaixonados pela ciência em todo o mundo. O pássaro dodô é símbolo de uma das mais trágicas lições sobre extinção animal de que se tem notícia. Foi avistado pelos holandeses pela primeira vez em torno de 1600 nas ilhas Maurício - na costa africana do oceano Índico. Menos de uma década depois estava extinto. Seu esqueleto está [- *Exemplo* -] (preservar) em alguns museus, mas não é possível reconstituí-lo perfeitamente por falta de referências confiáveis. O biólogo William Morgan, do Centro das Ciências da Saúde da Universidade do Texas, Estados Unidos, esclarece mais: "Além de um núcleo intacto para clonagem, é necessário ainda que esse núcleo [- 18 -] (conter) DNA em bom estado de conservação. Mas o DNA não é imortal. Mesmo um exemplar muito bem conservado de um animal extinto [- 19 -] (haver) centenas de anos ou mais pode apresentar seu DNA deteriorado. Contudo, a ciência caminha a passos largos. Talvez algum dia o sonho de trazer de volta organismos já extintos seja possível".

(adaptado da *Revista Semanal da Lição de Casa*, p.31)

TEXTO C**Nenhuma paixão humana escapou de suas peças**

A recente escolha de Shakespeare como o autor do milênio não provocou até agora protestos, [- *Exemplo* -]. Nenhum outro gênio de sua classe conseguiu manter-se [- 20 -]. Ninguém foi tão citado, até mesmo por quem nunca leu os seus sonetos ou assistiu às suas peças. Nem mais encenado, traduzido, filmado, parodiado e parafraseado.

Cervantes? Pode até ter ‘inventado’ o romance, mas criou apenas dois personagens paradigmáticos (Dom Quixote & Sancho Pança) e uma Metáfora (os moinhos de vento), patrimônio modesto [- 21 -] nessas e outras categorias.

Livros a seu respeito saem em catadupas, enquadrando-o sob os mais variados ângulos, embora poucos consigam ser originais [- 22 -].

Se tivéssemos condições de pesquisar nos mínimos detalhes como o bardo viveu (1564-1616), sua bibliografia, devidamente enriquecida por constantes e cada vez mais volumosas biografias, [- 23 -], que Shakespeare tinha de atravessar para ir de Stratford-upon-Avon até Londres. Mas o que de concreto se conhece sobre a vida dele cabe no verso de um cartão postal. Ainda assim, [- 24 -], como Edmond Chambers e Edgar Fripp, que, a exemplo dos demais, acabaram condenados a navegar por um mar de incertezas e marginália.

Não faz muito tempo, um grupo de numerologistas britânicos pôs em circulação a tese de que Shakespeare fizera um copydesk na mais renomada Bíblia em língua inglesa. Para tanto, [- 25 -]: 46 (Shakespeare tinha 46 anos quando a Bíblia do rei James foi publicada em 1610). Pesquisando os Salmos, descobriram que a 46th palavra do 46th salmo é ‘shake’ (agitar) e que a 46th palavra do mesmo salmo, quando lido de trás para frente, é ‘spear’ (chuço).

(Adaptação do texto de **Sérgio Augusto**,
em *O Estado de São Paulo*, 14 de março 1999, D14)

TEXT0 D

FERNANDO DE NORONHA

A viagem mais cara do Brasil não dá direito a hotéis de luxo, restaurantes charmosos nem mordomias à beira da piscina. Aliás, não dá direito nem a piscina. Para conhecer Fernando de Noronha é preciso pagar quase o dobro de qualquer pacote para o Nordeste, mas isso não livra ninguém de ficar em pousadinhas rústicas, a maioria delas sem banho quente nem ar condicionado.

Parece absurdo, mas, antes de desistir da idéia de vir para cá, vale a pena pensar um minuto no que Noronha deve ter de tão especial para compensar tamanhos inconvenientes e ainda ser eleita, por dez entre dez visitantes, como a ilha mais bonita do Brasil. Acertou quem imaginou que, tirando os preços altos e infra-estrutura mambembe, todo o resto é bom demais. E é mesmo.

Para começar, os dias em Fernando de Noronha são quentes, mas abrandados no ponto certo por constantes brisas marinhas. A temperatura média anual é de 26 graus. As praias, esplêndidas, são banhadas por águas límpidas que lembram o Caribe e continuam com o mesmo sabor selvagem de 500 anos atrás, quando foram avistadas pela primeira vez por navegadores europeus. Algumas baías são até hoje um porto seguro para colônias de tartarugas e golfinhos, graças a outra qualidade fundamental da ilha: o isolamento.

Fernando de Noronha está a 360 quilômetros da cidade mais próxima, Natal, o que em parte explica por que as viagens para cá são tão caras. Não fosse essa lonjura, porém, Noronha seria hoje apenas uma praia bonita a mais, provavelmente tomada por condomínios de luxo e lotada de gente na temporada. No lugar onde está, cercada pelas águas abertas do Atlântico a perder de vista, conseguiu sobreviver a cinco séculos de exploração desajeitada e sem rumo, na qual se revezaram atarantados portugueses, holandeses, franceses e militares brasileiros.

(Fernando de Noronha O paraíso do Brasil, por Luiz Maciel Filho, em Viagem e Turismo, setembro de 1999, pp. 42-43)